

A EXPANSÃO CAPITALISTA E OS PARADIGMAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: A INDÚSTRIA ALIMENTÍCIA DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON/PR

Fernando Mendonça Heck
fernanddoheck@hotmail.com

Marcelo Dornelis Carvalho
dorneliscarvalho@gmail.com

RESUMO

As relações de trabalho e seus paradigmas de organização nas indústrias sofreram drásticas modificações no decorrer da história. Tais mudanças mantêm íntima relação com as mudanças mais gerais que ocorrem no capitalismo, como por exemplo, a crise de superacumulação. Por isso, observamos que desde o taylorismo-fordismo até os dias atuais marcados pelo paradigma da reestruturação produtiva (o toyotismo), as relações de trabalho sofreram várias modificações. Entretanto, vale ressaltar que o desenvolvimento do modo de produção capitalista é desigual e combinado, pois, por mais que nos dias atuais percebamos a grande utilização da organização do trabalho toyotista, as características do taylorismo-fordismo não desapareceram por completo, e, mais, ainda são largamente utilizadas por vários processos industriais. Neste sentido, percebemos que nas indústrias alimentícias de Marechal Cândido Rondon-PR, a repetitividade, a linha de produção entre outras formas de trabalho taylorizado, não desapareceram, estando presentes nas relações de trabalho locais, combinadas com elementos do toyotismo como o trabalho em equipe, a ideologia dos colaboradores e o discurso da qualificação profissional, por exemplo. Entendemos que para o capital territorializar-se necessita de vários atrativos locais. Por isso, buscamos estudar quais seriam estes supostos “atrativos” para a territorialização das indústrias alimentícias locais. Neste sentido, as conversas com os trabalhadores demonstraram vários elementos importantes, e dentre eles destacamos a aparente existência de um sindicalismo pelego (pouco combativo e com baixo grau de organização). Por isso, o trabalho precário oferecido pelas indústrias alimentícias locais, com vários indícios de desrespeito a legislação trabalhista, muitos casos de doenças laborais, e com o ritmo frenético da linha de produção são exemplos da atuação de um sindicalismo ausente, o que colabora para o capital industrial territorializar-se. Com o breve resumo exposto, procuraremos neste trabalho analisar a dinâmica territorial do capital na sua busca incessante por novos territórios lucrativos e os paradigmas das relações de trabalho, buscando compreender quais as características do trabalho executado em tais ramos industriais de Marechal Cândido Rondon-PR.

INTRODUÇÃO

Na sua busca constante por vantagens locais, o capital busca territórios para estabelecer-se onde sua lucratividade seja cada vez maior. Deste processo de mobilidade

geográfica do capital, buscamos compreender o processo de territorialização do capital industrial na cidade de Marechal Cândido Rondon e seus paradigmas de organização do trabalho.

Entendemos que certas vantagens para o capital são encontradas em Marechal Cândido Rondon, e como tendência geral na região Oeste paranaense, para a territorialização das indústrias alimentícias como por exemplo, a mão de obra barata e pouco qualificada e o sindicalismo pelego/ausente/pouco atuante.

Também de grande valia para nossa argumentação, as relações de trabalho e sua organização nas indústrias, demonstram uma nítida combinação entre processos tayloristas-fordistas e toyotistas.

1- OS PARADIGMAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: TAYLORISMO-FORDISMO E TOYOTISMO

Os paradigmas da organização do trabalho, como o taylorismo-fordismo e o toyotismo, com seus procedimentos organizativos, surgem com o intuito de favorecer ao capital, pois, permitem aos capitalistas retirarem dos trabalhadores, cada vez mais taxa de mais-valia.

Assim, observamos que no decorrer da história do modo de produção capitalista, as relações de trabalho e sua organização nas indústrias sofreram várias modificações por razões de ordem estrutural e também de luta dos trabalhadores.

Muitas lutas dos trabalhadores frente às inovações nada idílicas nas relações de trabalho ocorreram no processo histórico, como por exemplo, as lutas em torno da redução da jornada de trabalho, da consolidação da legislação trabalhista, por melhoria nas condições de trabalho, dentre outros exemplos.

Trataremos brevemente o contexto histórico dos paradigmas da organização do trabalho taylorista-fordista e toyotista, para que possamos compreender de maneira mais profunda o significado destas transformações na organização do trabalho sob o capitalismo.

No caso específico do período do taylorismo-fordismo encontramos relações de trabalho baseadas na linha de produção, no trabalho específico fragmentado, nas relações entre engenheiros e trabalhadores extremamente verticais e hierarquizadas, a produção em

larga escala, etc.

Todas essas características das relações de trabalho tayloristas-fordistas relacionam-se com o ideal tipicamente capitalista de retirar dos trabalhadores cada vez mais taxa de mais-valia, proporcionando e mantendo uma alta taxa de lucratividade.

Entretanto, no fordismo, e no contexto histórico da época no qual emergiu, mais ou menos em 1930, várias lutas já haviam sido travadas pelos trabalhadores contra a classe dominante. Neste sentido, o estado-do-bem-estar-social ou *welfare state* que garante direitos mínimos para a classe trabalhadora, tivera de ser criado, pois, os trabalhadores não aceitariam facilmente a organização do trabalho taylorista-fordista sem determinadas garantias sociais.

Somente com os benefícios proporcionados pelo Estado keynesiano que o fordismo conseguiu manter sua taxa de lucratividade em vários processos industriais do mundo até mais ou menos o início da década de 1970.

Então, baseado na produção em massa/consumo em massa, na fragmentação do trabalho, na divisão do trabalho na fábrica em operações simples e ininterruptas, na linha de produção, nas políticas sociais do *welfare state*, e no planejamento por parte do Estado para assegurar direitos mínimos para a classe trabalhadora, que o taylorismo-fordismo conseguiu manter-se lucrativo até o início da década de 1970.

Entretanto, a partir da década de 1970 o fordismo aponta falhas importantes que irão resultar numa crise estrutural do capital, aquilo que nos referimos no resumo deste texto como crise de superacumulação.

Antunes (2009) afirma que a crise do taylorismo e do fordismo são expressões da crise estrutural do capital que começa a dar sinais de esgotamento a partir do início dos anos 1970. Segundo o mesmo autor, podemos encontrar nesta crise estrutural do capital várias características como: a queda da taxa de lucro pelo aumento do preço da força de trabalho, que fora proporcionado pelas lutas dos trabalhadores nos anos de 1960; o esgotamento do padrão de acumulação taylorista/fordista de produção dado pela incapacidade de responder à retração do consumo que se acentuava; o desenvolvimento excessivo na esfera financeira que estava ganhando frente aos capitais produtivos; a crise da política do estado-do-bem-estar-social e dos seus mecanismos de funcionamento que acarretam a crise fiscal do Estado capitalista e torna necessária a retração dos gastos públicos; o incremento acentuado de privatizações, tendência generalizada às

desregulamentações e à flexibilização do processo produtivo.

Com a crise estrutural do capital proporcionada pelo taylorismo/fordismo vemos emergir uma reorganização do capitalismo, no tocante a organização do processo de trabalho, da economia, da emergência de novas ideologias políticas, enfim, de todo um ideário que proporcionasse ao capitalismo reerguer-se frente a sua crise estrutural.

Segundo Antunes (2009, p.33)

Como resposta à sua própria crise, iniciou-se um processo de reorganização do capital e de seu sistema ideológico e político de dominação, cujos contornos mais evidentes foram o advento do neoliberalismo, com a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos do trabalho e a desmontagem do setor produtivo estatal, da qual a era Thatcher-Reagan foi expressão mais forte; a isso se seguiu também um intenso processo de reestruturação da produção e do trabalho, com vistas a dotar o capital do instrumental necessário para tentar repor os patamares de expansão anteriores.

Neste sentido, as mudanças mais generalizadas no capitalismo possibilitadas pela reorganização do próprio modo de produção, como as políticas neoliberais, o culto do Estado mínimo, a financeirização da economia e outras tantas mais, fazem parte de todo um arcabouço ideológico, diríamos até paradigmático, que evidencia modificações estruturais na organização e nas relações de trabalho nos dias atuais, caracterizando o toyotismo. Este, a partir de inúmeras inovações no tocante a organização do trabalho nas indústrias, procura por novos meios como por exemplo, a “captura da subjetividade” operária, reestruturar as relações de trabalho visando a hegemonia do capitalismo e sua reorganização frente a sua crise estrutural.

O toyotismo desenvolveu inúmeros processos organizacionais do trabalho como o *just in time*, *kanban* e *kaisen*. Todos estes, são inovações nas relações de trabalho se comparados ao paradigma do taylorismo-fordismo.

Estas inovações nas relações de trabalho, frutos da reorganização do capitalismo frente a sua crise, assumem opiniões muito diversificadas.

No campo do discurso empresarial vemos florescer um discurso de apologia as inovações proporcionadas pela reestruturação produtiva. Segundo Bernardo (2009, p.34):

Observamos, assim, que determinados temas predominam no discurso de gestão empresarial, seja no campo acadêmico ou na fala de gerentes e consultores. São eles a Competência, a Participação, o Trabalho em

Equipe e a Autonomia

Tais estudiosos centram-se nas questões de organização do trabalho, a partir de pressupostos em que a separação rígida entre o chão de fábrica e os cargos gerenciais está sendo superada (característica marcante da verticalização taylorista-fordista), e que desta maneira o conflito capital-trabalho evidência da luta de classes está superado, ou tende para esta superação através de uma nova organização do processo produtivo que está se tornando menos rígido e hierarquizado e que caminha para uma organização do trabalho mais flexível e humana.

É aí que percebemos a existência de novas relações de trabalho nas quais os colaboradores e não mais trabalhadores, “colaboram” para com a empresa visando atingir os interesses da mesma. É neste contexto que surgem os Círculos de Controle de Qualidade, as reuniões onde os trabalhadores dão dicas de melhorias para ganhos de produtividade da empresa, entre outros exemplos, os quais são apropriados pelo discurso empresarial que tenta reproduzir uma ideologia na qual o trabalho nos nossos dias está se tornando flexível, desverticalizado, “dócil”, sem lutas e resistências e mais colaboracionista com o capital.

Entretanto, este discurso ideológico que tenta tornar-se único com seus vários “auxiliadores” que podemos exemplificar com os aparelhos da mídia burguesa, por exemplo não é amplamente aceito como seus ideólogos querem nos fazer crer.

Neste sentido, vários autores surgem para interpretar nos vários campos do conhecimento científico a desconstrução deste discurso ideológico do capital.

Nesta tentativa, na qual nós também procuramos dar uma contribuição, em meio a nossas possibilidades teóricas, estes mecanismos do toyotismo como as CCQ's, *kaisen* e outros, servem ao nosso ver muito mais para precarizar as relações de trabalho e a partir de seu discurso ideológico empresarial da cooperação com a empresa, cumprir o papel de “captura” da subjetividade operária, trabalhada por autores como Antunes (2009), Alves (2000) e Carvalhal (2004).

Sendo assim, o processo de organização do trabalho sofre modificações no tocante a novos procedimentos organizacionais do processo de trabalho e também novos discursos ideológicos para sustentação destas novas formas de organização do trabalho.

Dentre estes novos procedimentos organizacionais e gerenciais, podemos perceber a emergência da polivalência do trabalhador, a autonomia, *kanban*, *andon*, *just in time*,

grupos de trabalho, participação nos lucros e resultados (PLR), o *kaisen*, os CCQ's, discurso do "colaborador", da qualificação profissional, dentre outros, são exemplos de novos mecanismos desenvolvidos pelo toyotismo na organização do trabalho que modificam as relações de trabalho em comparação ao paradigma do taylorismo-fordismo.

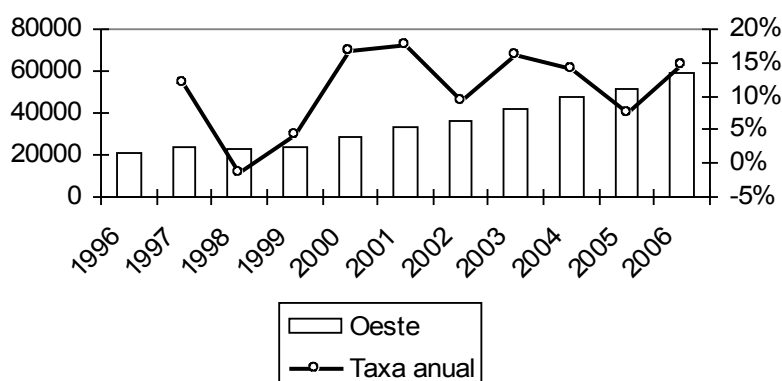
Tais mudanças irão refletir nas relações de trabalho e sua organização nos mais variados ramos industriais do mundo, visando sempre manter a taxa de acumulação de capital espoliando os trabalhadores através da retirada de mais valia (tanto absoluta quanto relativa).

2- MARECHAL CÂNDIDO RONDON NO CONTEXTO DA EXPANSÃO DO TRABALHO FABRIL

Se levarmos em conta as altas taxas de crescimento do emprego no setor formal industrial observada no oeste paranaense e particularmente em Marechal Cândido Rondon podemos compreender que a territorialização destas empresas está amparada por determinadas vantagens locacionais. Procuraremos demonstrar a partir de dados e da pesquisa empírica realizada através de entrevistas com os trabalhadores de três indústrias alimentícias locais: Copagrill, Faville e Frimesa.

O crescimento do emprego industrial no Oeste Paranaense é verificado desde 2002, sendo que esta região é a terceira maior do setor no estado do Paraná (figura 1).

Figura 1 - Evolução do emprego formal industrial no Oeste do Paraná



Fonte: IPARDES, Base de Dados do Estado, acesso em 15/04/2010.

Se observarmos na (figura 1), foi no ano de 2005 que a região Oeste teve grande aumento de sua taxa de participação na evolução do emprego formal industrial, sendo que podemos relacionar neste período a instalação da unidade industrial de aves da Copagril em Marechal Cândido Rondon onde cerca de 1000 postos de trabalho foram criados.

Segundo Carvalho (2009, p.11) “esse aumento considerável do emprego industrial na região como um todo foi proporcionalmente maior do que o aumento geral do emprego formal”. Ainda, segundo o mesmo autor, as taxas de aumento do emprego industrial da região oeste foram de 25% enquanto que a média estadual é de 23,9% o que demonstra a expansão do emprego industrial na região.

Se analisarmos os dados mais gerais da região oeste paranaense encontraremos uma grande expansão do emprego industrial, e conforme Carvalho (2009), com forte vinculação ao agronegócio, articulando desde a Indústria de equipamentos para aviários em Cascavel até os frigoríficos de aves, passando pelas indústrias processadores de soja, milho para ração, suinocultura e outras.

Além do grande contingente de mão de obra ocupado no setor das indústrias alimentícias, encontramos com destaque a expansão do trabalho no setor do Vestuário em Terra Roxa-PR, o qual, segundo Carvalho (2009), é o segundo maior empregador do setor no Paraná.

Sobre o trabalho das costureiras é interessante notarmos que sua expansão se dá a partir de relações de trabalho extremamente precarizadas como a informalidade, o salário por peça e a dupla jornada. Tais temas foram analisados no trabalho de Brumatti Carvalho (2007 e 2009).

Partindo das várias contribuições das pesquisas já realizadas sobre o trabalho no Oeste Paranaense, delimitamos nosso estudo ao município de Marechal Cândido Rondon.

Nosso enfoque específico, partindo do pressuposto da expansão do trabalho industrial na região oeste, é analisar o contexto da territorialização de três indústrias alimentícias da cidade de Marechal Cândido Rondon e os paradigmas das relações de trabalho nestas indústrias, sem deixar de levar em conta a relação com a totalidade, apoiando-se no materialismo dialético.

Assim, desde logo, pudemos constatar principalmente ao tocante das vantagens locais para a territorialização do capital industrial em Marechal Cândido Rondon, a existência de um sindicalismo pelego/pouco atuante.

Dentre os trabalhadores entrevistados observamos na questão da atuação dos sindicatos duas opiniões principais: 1) o sindicato nunca aparece na empresa para ver as condições de trabalho, mesmo sendo descontado da folha de pagamento a contribuição sindical, mas todo ano convidam os trabalhadores para atividades recreativas; e 2) aparecem de vez em quando e perguntam sobre o andamento do processo de trabalho.

Como observamos, a maioria dos trabalhadores respondeu de acordo com a primeira opção, o que pode evidenciar de certa forma aquilo que estudamos teoricamente sobre a emergência a partir da reestruturação produtiva de um sindicalismo ausente e pouco atuante.

Isto também nos remete a pensar na divisão territorial do trabalho, pois, o processo de territorialização das indústrias alimentícias no oeste paranaense e particularmente em Marechal Cândido Rondon, se dá através de vantagens locais, na qual o papel do sindicalismo de fraca organização é crucial, ao nosso ver, para garantir a mobilidade geográfica do capital na sua busca incessante por vantagens territoriais.

Sendo assim, o desrespeito a legislação trabalhista e o sindicalismo pelego são características marcantes na região Oeste paranaense que nos parecem ser importantes para a territorialização do capital industrial na região.

Observando processos trabalhistas na Justiça do Trabalho (de forma preliminar em nossa pesquisa atual), de Marechal Cândido Rondon podemos encontrar vários exemplos de desrespeito às convenções coletivas, descontos indevidos nas folhas de pagamento dos trabalhadores (como seguro de vida, associação, entre outros), despesas com a lavagem de uniformes e desrespeito ao contrato de trabalho. Muitos questionamentos são lançados para tentarmos compreender a organização do trabalho e suas relações nas indústrias alimentícias locais.

Neste sentido, no tocante as relações de trabalho encontramos nestas indústrias, por um lado a repetitividade, o trabalho fragmentado e a linha de produção, referências na literatura especializada ao paradigma das relações de trabalho do taylorismo-fordismo e por outro, o discurso dos colaboradores, as reuniões fora do expediente em que os trabalhadores dão dicas de melhorias no processo produtivo, a organização nos grupos de trabalho e tantas outras facetas do discurso ideológico da colaboração com o capital que está promovendo a desverticalização do processo produtivo tornando o trabalho mais “flexível” o que como percebemos na pesquisa não passam de discursos, os quais são

características marcantes das relações de trabalho toyotistas.

Por isso podemos evidenciar empiricamente sobre o desenvolvimento desigual e combinado do toyotismo conforme nos diz Alves (2007) que o desenvolvimento do toyotismo é desigual e combinado pois se articula com as formas de racionalizações pretéritas do capital, como o taylorismo e fordismo.

Assim, podemos constatar no âmbito das relações de trabalho locais, características do taylorismo-fordismo em combinação com as do toyotismo. Neste sentido, podemos observar que as relações de trabalho estão pautadas na organização em linha de produção, com o trabalho todo fragmentado em operações simples, mas, também, assenta-se no discurso empresarial atual na desverticalização na indústria, com a ideologia dos colaboradores, a organização dos mesmos em grupos de trabalho visando atingir determinadas metas, as reuniões nos horários de descanso com a pauta sempre no tocante aos ganhos de produtividade e a colaboração dos trabalhadores para tais ganhos, ou seja, a “captura” da subjetividade operária é algo importante para o capital industrial.

Também observamos que tal organização do trabalho tem proporcionado uma série de agravos à saúde dos trabalhadores e o freqüente desrespeito a legislação trabalhista.

Doenças como LER e tendinite são freqüentes nos frigoríficos da região Oeste do Paraná e segundo Cêa (2008, p.427) “se para os animais abatidos nos frigoríficos a qualidade de vida é um direito inalienável até o momento da morte, o mesmo não ocorre com os trabalhadores”.

Tal ironia da autora é extremamente pertinente ao debate que estamos travando, pois, as relações de trabalho nos frigoríficos da região e não só nestes como também em outras indústrias alimentícias de Marechal Cândido Rondon como, Faville e Frimesa, encontramos exemplos da extrema precarização do trabalho fabril deste mercado formal.

Se observarmos a unidade industrial de aves da Copagril, entenderemos a ironia de Cêa, pois para tais animais o abate deve ser realizado a partir de rigorosos padrões de qualidade enquanto que os “colaboradores” ganham salários baixíssimos e vivenciam no labor a extrema precarização que leva até a casos de doenças adquiridas no trabalho.

Outro fato interessante que encontramos na indústria se deve ao abate dos frangos que deve ser realizado de forma manual, pois, desde que a empresa começou a exportar para os países árabes, por exigência destes, os frangos devem ser abatidos manualmente. Ainda, esta empresa, emprega um funcionário de descendência árabe para que reze toda

manhã pela morte dos animais.

Com estes exemplos podemos entender a ironia de Cêa, e também compreender que as relações de trabalho em tais empreendimentos são extremamente precarizadas.

Assim observando empiricamente o trabalho no chão de fábrica dos frigoríficos e demais indústrias alimentícias da região Oeste, e no nosso caso especificamente em Marechal Cândido Rondon, torna-se evidente que este trabalho assume as características de pouca qualificação, repetitividade e desrespeito a muitos direitos dos trabalhadores, ou seja, em linhas gerais demonstra características de um trabalho árduo e precário.

Para tornarmos mais evidente a característica do trabalho oferecido por estas empresas analisamos os estudos de outra pesquisadora da região. Em pesquisa num dos frigoríficos da região oeste Cêa (2008) afirma que a análise das condições de trabalho através dos depoimentos dos trabalhadores da AP-LER (Associação dos Portadores de LER) evidencia que as atividades do trabalho, extremamente repetitivas e desgastantes são fatores biomecânicos que podem, causar as lesões por esforço repetitivo.

[...] a “repetitividade” de movimentos está presente nos diferentes setores dentro do frigorífico de aves e suínos, com o agravante da exigência de metas a serem cumpridas: eviscerar 14 frangos/minuto, incluindo puxar repetidamente para retirar e separar os miúdos; cortar 25 asas de frango por minuto; retirar 19 pontas de asas por minuto; refilar filés em 10 segundos, com o manuseio de faca muito afiada, e o fiscal do controle de qualidade tinha que tocar 9 mil aves/hora, com três inspeções cada ave (interna, externa e geral), totalizando 2700 movimentos hora. A velocidade dos movimentos foi avaliada como sendo muito rápido e fora das possibilidades humanas (CÊA, 2008, p.432).

Não muito diferente da realidade das relações de trabalho pesquisadas pela autora é a que encontramos em Marechal Cândido Rondon, pois tais características estão muito presentes na organização do trabalho nas indústrias locais.

Sendo assim, o discurso de muitos autores que defendem teses do fim da centralidade no trabalho, o fim da contradição capital *versus* trabalho, as condições de trabalho flexíveis, enfim, tornam-se discursos vazios se observarmos as relações de trabalho e sua organização em vários ramos industriais, inclusive nas indústrias alimentícias de Marechal Cândido Rondon-PR.

Por isso, entendemos que a atuação de um sindicalismo pelego seja importante fator

para a territorialização do capital industrial no oeste paranaense e especificamente em Marechal Cândido Rondon, pois, em nossa pesquisa pudemos constatar a fraca atuação deste. Ao que nos parece de imediato, tais sindicatos assumem uma tendência em estar muito mais preocupados com atividades assistencialistas como, serviços de cabeleireiro, farmacêuticos, médicos e de tratamento dentários, do que com a luta e defesa dos interesses da classe trabalhadora.

Assim, a dinâmica territorial do capital na sua busca incessante por territórios que propiciem maior taxa de acumulação, encontra na cidade de Marechal Cândido Rondon e região oeste, a fraca organização sindical e outras características a serem estudadas, que possibilitam as relações de trabalho precarizadas e o desrespeito a legislação trabalhista vigente.

Desta situação muitos questionamentos podem ser levantados no tocante a atuação da legislação trabalhista para novos aprofundamentos. A título de exemplo seguem alguns questionamentos: até que ponto a legislação trabalhista e seus processos burocráticos são eficientes? Tal burocracia e demora na resolução dos processos, (trabalhistas) não contribui para o desrespeito freqüente das empresas à legislação? Como verificar estes processos na dinâmica territorial do capital?

3-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos nos dias atuais marcados pela globalização/mundialização do capital, discursos empolgados sobre a evolução da tecnologia e como isto estaria caminhando para a tendência do fim da centralidade do trabalho e sua substituição por processos tecnológicos/máquinas.

Muitos outros estudos aparecem para contrariar esta tese demonstrando a sua fragilidade enquanto teoria científica, pois, autores como Antunes (2009), Alves (2000), Mézaros (2002), entre muitos outros, procuram desmistificar as argumentações de tais teóricos.

Nosso estudo também caminha neste sentido, pois, as relações de trabalho verificadas nas indústrias alimentícias pesquisadas, demonstram que a centralidade do trabalho é crucial para tais empreendimentos e mais, a combinação de um trabalho rotinizado, fragmentado e repetitivo com os grupos de trabalho, sindicalismo pelego e

discursos ideológicos característicos do toyotismo, parecem ser as relações de trabalho paradigmáticas existentes em Marechal Cândido Rondon.

Assim, buscamos compreender através da leitura do território a dinâmica territorial do capital na sua busca incessante por vantagens locais que em nossa pesquisa parece demonstrar a existência de um sindicalismo pelego e o freqüente desrespeito a legislação trabalhista, como exemplos de atrativos para a territorialização do capital industrial alimentício em Marechal Cândido Rondon.

Neste sentido, o estudo das relações de trabalho locais, demonstram não só a centralidade do trabalho, mas, também o desenvolvimento desigual e combinado, quando observamos a organização do trabalho com características combinadas entre taylorismo-fordismo e o toyotismo.

Assim, nossa preocupação está em procurar contribuir, em meio a nossas possibilidades, para o desvendamento das máscaras impostas pelos discursos do grande capital e seus ideólogos procurando contribuir para que o trabalho encontre um verdadeiro sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Giovanni. **Dimensões da reestruturação produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2. ed. Londrina: Práxis, 2007.

ALVES, Giovanni. **O novo e precário mundo do trabalho**: o capital e suas contradições. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez, 1995.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

BERNARDO, Marcia Hespanhol. **Trabalho duro discurso flexível**: uma análise das contradições do toyotismo a partir da vivência dos trabalhadores. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

BRUMATTI CARVALHAL, Terezinha. O trabalho domiciliar feminino como estratégia de sobrevivência e/ou imposição do capital?. **Pegada**, vol. 8, n. 2, p. 131-147, dez. 2007.

BRUMATTI CARVALHAL, Terezinha. **Gênero e classe nos sindicatos**. Presidente Prudente: Centelha, 2004.

BRUMATTI CARVALHAL, Terezinha. A descentralização da produção por meio do trabalho domiciliar das mulheres em Terra Roxa-PR. In: VII ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 2009, Curitiba. Anais do VII Encontro Nacional da ANPEGE, 2009. v. 1. p. 1 – 8.

CARVALHAL, Marcelo Dornelis. **A dimensão territorializante da qualificação profissional em São Paulo**: a ação dos sindicatos. Presidente Prudente, 2004. 346 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista.

CARVALHAL, Marcelo Dornelis. O emprego em Marechal Cândido Rondon/PR na dinâmica geográfica do capital. **Pegada**, vol. 8, n. 1, p. 77-99, jul. 2007.

CARVALHAL, Marcelo Dornelis. A expansão do trabalho fabril na região oeste do Paraná: a (re) centralidade do trabalho e o desenvolvimento desigual capitalista. In: VII ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 2009, Curitiba. Anais do VII Encontro Nacional da ANPEGE, 2009. v.1. p. 1 – 16.

CÊA, Geórgia Sobreira dos Santos. Associação dos portadores de LER (AP-LER) na luta pelos direitos dos trabalhadores de frigoríficos do oeste do Paraná. In: TUMOLO, Paulo Sérgio; BATISTA, Roberto Leme (orgs.). **Trabalho Economia e Educação**: perspectivas do capitalismo global. 1 ed. Maringá : Praxis; Massoni, v.1, p.421-436, 2008.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MÉSZAROS, István. **Para Além do Capital:** rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2002.

THOMAZ JR., Antonio. Reflexões sobre a práxis do trabalho e a necessidade da emancipação da classe trabalhadora. **Pegada**, Presidente Prudente, vol. 9, n.2, p. 1-17, dez. 2008.